**(RE)PENSANDO O CONTEXTO.**

Fernanda Paulo de Albuquerque[[1]](#footnote-1)

Maria Cleuma Rodrigues2

Maria dos Prazeres de Sousa Fernandes 3

Maria Soares Araújo 4

1. **Introdução**

Não é possível falar e conceituar contexto sem antes introduzir como, por onde e porquê ele se situa e situa o leitor na leitura e compreensão textual. Há, portanto, a necessidade de conceituar Texto para só então partirmos para o foco da discussão.

Na longa caminhada que um letrado percorre, faz-se mister o conhecimento sobre o desenvolvimento dos estudos sobre a língua. Para isso, é necessária a compreensão das fases de estudo linguístico: desde o estágio estrutural, passando pelo gerativista, sociolinguísta, funcionalista e, mais recentemente, a explosão no campo da linguística textual, envolvendo desde fatores de interpretação (coesão e coerência) até mesmo parte mais abstratas, mas não menos importante por isso, como é o contexto.

A partir da fase sociolinguística, a língua é escancarada como parte formada e formadora do meio social em que atua. Foi dado um pontapé na aproximação de conceitos que abrangessem no meio científico os conceitos de ‘social’ e ‘língua’. Décadas mais tarde, podendo ser considerado até um estudo recente, surge o texto como um produto do meio social em que se localiza e faz-se materializar. Os textos, falados ou escritos, tornam-se a expressão máxima da língua e de um povo, sócio e historicamente localizados.

Os textos são, a rigor, o único material linguístico observável. Isto quer dizer que há um fenômeno linguístico que vai além da frase e constitui uma unidade de sentido. O texto é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. (MARCUSCHI. 2008, p. 71)

O texto passa a ser ricamente visto como fruto de ações situadas no tempo e no espaço, dotadas de sentido e construídas também por sujeitos sócio e espacialmente situados. Ações estas correlacionadas ao meio social e real constituinte em que ele nasce e vai sendo modificado. Segundo Marcuschi (2008, p. 72), “o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa de comunicação e um artefato sociohistórico”.

Surgem estudos que quebram as barreiras de estudos tradicionais limitados às frases, orações e períodos, os chamados estudos transfásicos, que compreendem um mundo abstrato, mas perceptível, que vai além das unidades menores formadoras pertencentes à estrutura do texto.

A noção de contexto está presente em grande parte das pesquisas contemporâneas sobre a linguagem, e as relações linguagem, cultura e organização social. Portanto, trata-se de um conceito ainda em estudo e constante reformulação.

O estudo do contexto ganha força com a sociolinguística, como bem explica Maria Mauro Cezario e Sebastião Votre (2012, p. 141), que “passa a estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística [...] desenvolvendo, por tanto, o papel de instituição social, não podendo ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Godwin & Duranti (1992, p. 2) postulam que não é possível apresentar uma definição única e precisa de contexto, pois o termo significa coisas bastante diferentes, podendo então ser definido mais pela prática, pelo uso do contexto para trabalhar com problemas analíticos específicos do que por definição formal. Desse modo, dentre os variados conceitos existentes, o que mais se aproxima e descreve os objetivos pretendidos neste trabalho é o apresentado por Van Dijk (1997, *apud in* Koch, p. 33) que define contexto como o conjunto de todas as propriedades de situação social que são sistematicamente relevantes para a produção, compreensão ou funcionamento do discurso e de suas estruturas.

A partir de então, o contexto, como assinala Halliday e Hasan (1976, p.21), “conjunto de todos os fatores externos que afetam as escolhas linguísticas que quem fala ou escreve faz”, surge em voga e assume papel de extrema importância no cenário da recente linguística textual. Produzir textos (escritos ou falados) é algo que antes de tudo requer uma situação, um cenário (aspectos social) e o campo semiótico/simbólico que definem o contexto, no qual está inserido.

1. **Discussão**

O texto, isto é, tudo que se fala ou se escreve, desenvolve-se em um contexto de uso. Para a análise de um texto é imprescindível considerar aspectos exteriores como a situação de enunciação (quem fala, para quem, com que propósito etc.), o gênero, o canal pelo qual é transmitido (jornal, panfleto, revista). Todos esses aspectos influenciam na análise e compreensão de um texto e merecem atenção, visto que as palavras e sentenças não têm sentido em si mesmas, fora de seu contexto de situação, por isso, os produtores dos textos pressupõem determinados conhecimentos contextuais, situacionais ou enciclopédicos por parte do interlocutor. Conclui-se que a linguagem tanto em termos de produção, quanto de recepção, está profundamente relacionada à interação produtor-ouvinte/leitor.

Para falar de contexto faz-se necessário esclarecer a relação entre língua/texto/contexto, porque este é um fator dependente do texto, da língua, do enunciado. Portanto, é importante manter essa relação para não tratar de contexto como elemento isolado, ele segue uma estrutura e está dentro e fora do texto. Compreender as pequenas estruturas da língua (texto) dentro dos padrões da textualidade é também saber relacionar ao contexto de uso, os padrões que fazem parte dos dois. A coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade e a situacionalidade aliam-se e ajudam a construir melhor a ideia texto/contexto. Sem esses elementos, o texto não seria compreendido, a comunicação não seria concretizada.

O contexto é algo secundário, dependente do discurso e moldado segundo as negociações constituídas durante o ato de fala (atividade comunicativa). É algo que varia de acordo com os elementos sociohistóricos e socioculturais do texto e/ou atividade linguística.

[...] abstrato e incompleto, o texto só adquire especificidade semântica ‘concretude’ quando esses detalhes são reconstruídos pelo ouvinte/leitor; ou quando ele se engaja no estabelecimento de conexões entre ideias ou ainda, quando seu conhecimento de mundo é requerido. (INGARDEN *apud in* Bentes e Rezende,1973, p. 32)

O texto é abstração é específico da comunicação e para que haja um entendimento entre locutor e locutário, o enunciado além de ser “bem” produzido precisa estar numa situação (contexto). É algo que será interpretado pelo outro sob sua ótica por meio de sua bagagem cognitiva, o ambiente, quem fala etc. segundo Hanks,

[...] O fato de tratarem o contexto como uma estrutura radical, cujo ponto central é o enunciado verbal, elas compartilham um compromisso com o individualismo metodológico, que prioriza o individual acima do coletivo, e procuram reduzir as estruturas sociais a comportamentos individuais. ([2006] 2008 *apud* Bentes e Rezende, p.36)

.

Sendo assim, o cenário, os signos o modo de como o texto é construído “a postura, o apontar, os olhares diretos e o som da voz do falante” é levado em consideração, faz parte do contexto é moldado segundo os aspectos externos que ajudam a construir o enunciado. Ele ganha sentidos diferentes, se caracteriza é (re) construído pelo ouvinte/leitor. Por meio dos elementos intratextuais (sociocultural) e extratextuais (cenário de ocorrência). O texto produz e transforma o contexto.

Segundo Schinffrin (1994, *apud in* Bentes e Rezende, p. 35), “os linguistas assumem frequentemente que a produção de enunciados se dá nas/através de interações entre dois tipos diferentes de informação semântica ou textual, isto é, conjunto estável de enunciados significativos transmitidos pela própria língua”. E interação contextual, que conforme a autora, é sempre identificada como secundária, pois está ligada a algum elemento de maior evidência e que por este motivo atrai a atenção do leitor/ouvinte.

Segundo Hanks ([2006] 2008, p. 36), “um dos focos principais na pesquisa em linguagem nas últimas décadas têm sido as relações entre linguagem e contexto”. Vários trabalhos têm demonstrado uma ampla variedade de formas por meio das quais a linguagem é “formatada” ou mesmo “moldada” por contextos sociais e interpessoais no interior dos quais os eventos comunicativos ocorrem.

Ainda segundo Hanks, o foco no contexto, seja como fator de restrição/delimitação da produção do discurso, seja como um produto mesmo do próprio discurso, levou ao desenvolvimento de abordagens detalhadas da produção de linguagem, já que é principalmente na elaboração de enunciados falados e/ou escritos que linguagem e contexto se articulam.

Koch (2013, p. 40) começa a avaliar o contexto já sobre duas variantes. São elas:

1. O contexto de uso- variável de acordo com o momento a localização do leitor, englobando o tempo, cultura etc.
2. O contexto de produção- é o contexto em que o texto fora escrito.

Goodwin e Duranti (1992, p. 35) concebem o contexto como um *frame* que envolve um determinado evento/objeto, mas que, principalmente, fornece subsídios para uma interpretação adequada deste evento. Conforme analisa Kokh (2002), para esses autores, a ideia de contexto deve recobrir tanto o entorno socioculutural no qual a atividade comunicativa se desenvolve (macrocontexto), quanto seu cenário imediato de ocorrência (microcontexto). Além disso, os conhecimentos prévios dos participantes (contexto sociocognitivo) e a própria linguagem (contexto) também são entendidos como elementos contextuais. Assim, o contexto de situação abrange e explora cada palavra falada ou escrita do texto para um melhor entendimento e aceitação do mesmo, contando, claro com os elementos constituintes do mesmo, seja o ambiente, o tempo, as pessoas (locutor e locutário) que se utilizam do texto para se comunicar, variando de sentido através de cada elemento constituído no discurso.

Contexto é, portanto, um mundo preenchido por pessoas produzindo enunciados: pessoas que possuem identidades sociais, culturais e pessoais, conhecimentos, crenças , objetivos e necessidades, que interagem entre si em várias situações definidas socialmente e culturalmente (SCHINFFRIN apud Bentes, p. 35 )

Contexto, portanto, é o ambiente social ou a esfera de atuação humana em que interagimos por meio de testos verbais e não-verbais especialmente produzidos para essas esferas : o lar, o trabalho, a internet e tantos outros.A escolha lexical, um termo em vez de outro, também está estreitamente relacionada ao contexto, pois são várias as possibilidades dentro das relações paradigmáticas.

* 1. **Contextualizando**

O conhecimento de mundo e o contexto interacional partilhado pelos interlocutores é bastante pertinente para o estabelecimento da significação textual. Segundo Marccuschi (2008, p. 87), “todo sentido é situado”, esta afirmativa se torna evidente nas músicas compostas na época da Ditadura Militar brasileira, que são nitidamente ligadas ao contexto sócio-histórico. Um exemplo que retrata esta questão é a música *Debaixo dos caracóis dos seus cabelos*, cantada porRoberto Carlos (1971):

[...]Um dia a areia branca

Seus pés irão tocar

E vai molhar seus cabelos

A água azul do mar

Janelas e portas vão se abrir

Pra ver você chegar

E ao se sentir em casa

Sorrindo vai chorar

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos

Uma história pra contar

De um mundo tão distante

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos

Um soluço e a vontade

De ficar mais um instante

[...]

Você anda pela tarde

E o seu olhar tristonho

Deixa sangrar no peito

Uma saudade, um sonho

Um dia vou ver você

Chegando num sorriso

Pisando a areia branca

Que é seu paraíso

[...]

No trecho que se refere aos “caracóis dos seus cabelos” parece dedicada a uma mulher, no entanto, foi composta para o amigo Caetano Veloso que estava exilado em Londres. Na época da Ditadura era comum a repressão aos opositores, principalmente aos artistas que tinham suas músicas censuradas e viam no exílio a solução para fugir à perseguição. Roberto sabia da dor da saudade e a aflição que o amigo sentia por não poder voltar, e compôs a música em sua homenagem.

# No trecho da música *Apenas Um Rapaz Latino Americano*, composta pelo cantor e compositor Belchior (1976), na mesma época política de Roberto Carlos, no trecho grafado abaixo é possível observar:

[...] Não me peça que lhe faça uma canção como se deve

Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve

Sons, palavras, são navalhas e eu não posso cantar

Como convém

Sem querer ferir ninguém

Mas não se preocupe meu amigo com os horrores que eu lhe digo

Isso é somente uma canção, a vida , a vida realmente é diferente

Quer dizer, a vida é muito pior.[...]

O sentimento de protesto à situação política vigente é explicito. Nos trecho “uma canção como se deve, correta, branca, suave...” e “sons, palavras, são navalhas e eu não posso cantar com convém sem querer ferir ninguém”, o autor diz não ser possível compor sobre coisas boas, quando a realidade é exatamente o oposto. O sentimento de insatisfação é evidente quando cita em tom irônico que os horrores que diz são apenas uma canção, mas “a vida é diferente, é muito pior”.

Através das letras das músicas compostas na época é possível perceber a dimensão do terrível período ditatorial brasileiro e que sentimentos despertou, pois apesar de expressarem opiniões desfavoráveis a quem estava com o poder, eram gravadas, mesmo com a certeza da repressão. Ao conhecer as músicas é possível entender como se deu a Ditadura mesmo vivendo em um momento político diferente.

Tudo o que somos e construímos diariamente está dentro de um contexto. Dessa forma, como afirma Schinffrin (*ibidem*), a nossa identidade, a língua, a cultura, os aspectos sociais como crença, conhecimentos entre outros constituem e definem o próprio contexto dentro de enunciados verbais e/ou não verbais.

Na crônica de Moacyr Scliar, “Tormento não tem idade” baseada em fatos corriqueiros, o que é comum desse gênero, Scliar, inicia o texto com a notícia “Dormir fora de casa pode ser tormento. E, ao contrário do que as famílias costumam imaginar, ter medo de dormir fora de casa não tem nada a ver com a idade” (Folha Equilíbrio, 30 de Ago. 2001). Situando o leitor ao que frequentemente acontece com as pessoas (normalmente com as crianças), o problema de dormir fora de casa pode ser problema para qualquer indivíduo, independentemente da idade. Mas ao pensarmos sobre o assunto associamos ao público infantil.

O diálogo entre mãe e filho sobre um convite do amigo deste para dormir em sua casa, tormenta o filho. Assim, o enredo segue com a tentativa da mãe em convencê-lo a dormir na casa do amigo. A conversa, no entanto, conduz o leitor a crer que a personagem central se trata de uma criança, quando na verdade é um adulto de cinquenta anos dependente da mãe e com problemas em dormir fora de casa, o que constrói o humor da crônica. Ao ler, temos a sensação de que se trata de uma criança que teme dormir longe da mãe e prefere ficar em casa. A confusão acontece porque somos levados a crer que somente as crianças rejeitam essa ideia, o contexto, no qual o enunciado é construído, as falas, a tentativa de persuadi-lo a dormir com o amigo. Ela fala de desenhos, de tevê à cabo, da irmã de Jorge (amigo), o filho... Porém se diz desinteressado em tudo e fala sobre as dificuldades de arrumar a maleta... A mãe responde “Eu faço a maleta pra você, meu filho. Eu arrumo suas coisas direitinho, você vai ver.” Nessa fala, no modo de como as personagens se tratam, e de como trazemos todas as informações contidas no enunciado refletem em nossa mente a ideia de que é natural uma criança não querer dormir em outra casa, quando se trata de um adulto, estranhamos, pois é algo incomum e foge à nossa cultura.

Mesmo com as pistas dada por Scliar quando faz uma introdução noticiando que a ideia de dormir fora de casa é tormento pra qualquer idade, ainda assim somos enganados, porque todo o diálogo está num contexto inapropriado para a personagem e no modo de como ele é tratado. Parece mesmo ser uma criança, até mesmo na fala da mãe, os assuntos utilizados por ela para alcançar o seu objetivo, deixar Jorge feliz com a visita do tal. Porém no final ele fala sobre o seu direito de ficar em casa, afinal irá completar no dia seguinte cinquenta anos. “Mamãe”, “Desenhos” são signos que nos levam a atribuir a um contexto que se fazem presente no universo de uma criança, a narrativa, portanto desconstrói a nossa ideia.

Ao interpretarmos a crônica, usamos os dois tipos de informações citadas por Schinffrin (ibidem), a informação semântica ou textual que é o próprio texto (produto), isto é, o enunciado carregado de informações da língua. Interagimos com o texto, com os nossos conhecimentos cognitivos para fazer jus ao que nos é transmitido e nos posicionarmos frente ao que será exigido. E a informação contextual, secundária, ou seja, vem depois do elemento (texto) “de maior evidência” e atrai a nossa atenção, o que ocorreu na crônica de Scliar, somos sujeitos à construção do enunciado, acompanhamos a narrativa crentes de algo que está arraigado no contexto sociocultural que depois é desmascarado, somente nas últimas linhas somos convidados a participar do humor, nos posicionando a conhecer o outro lado da estória (que acreditamos que existe), mostrando então as diferentes dimensões contextuais que se adequam ao discurso.

1. **Considerações finais.**

Assim, o contexto de situação abrange e explora cada palavra falada ou escrita do texto para um melhor entendimento e aceitação do mesmo, contando, claro com os elementos constituintes do mesmo, seja o ambiente, o tempo, as pessoas (locutor e locutário) que se utilizam do texto para se comunicar, variando de sentido através de cada elemento constituído no discurso.

Neste trabalho, foi analisado o contexto, sob diversas perspectivas de acordo com os estudos de Bentes e Rezende(2008), Marcuschi(2008), Koch (2011), dentre outros, como elemento crucial na interpretação textual. Partindo da origem dos estudos da linguística textual até chegar à época em que o estudo contextual ganha espaço e é amplamente estudado, discutido e abrangente.

Para melhor exemplificar a eficácia dos elementos contextuais como ferramentas auxiliadoras na análise textual, fez-se necessário apresentar e demonstrar as buscas de informações extra textuais possíveis graças ao contexto em dois gêneros diferentes, comprovando as dimensões do contexto.

**Bibliografia**

BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. **[RE]Discutir texto, gênero e discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CEZARIO, Maria Mauro; VOTRE, Sebastião. **Manual de Linguística.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça.**Desvendando os segredos do texto.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3ª. Edição. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão***.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Ensino de Língua e vivência de linguagem.** São Paulo: Contexto, 2010.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0309200106.htm>l. Acesso em 28 de Julho de 2014.

<http://www.latinoamericano.jor.br/musica_brasil_mpb_ditadura.html>.Acesso em 26 de julho.

1. 1,2,3- Graduandas do curso de Letras, Língua Portuguesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú(UVA).

   4- Professora orientadora do curso de Letras, Língua Portuguesa da UVA. [↑](#footnote-ref-1)